



## FUTEBOL, MULHERES E INTERAÇÃO SOCIAL<sup>1</sup>

Alexandre Jackson Chan-Viana  
Diego Luz Moura

### RESUMO

*O presente trabalho descreve interações sociais que vão construindo novas expressões de feminilidades na cultura. Toma como referências o interacionismo (Becker e Goffman) e a reflexividade das identidades na modernidade tardia (Giddens). Parte de dentro de estudo etnográfico sobre o universo das praticantes de futebol no lazer do subúrbio do Rio de Janeiro e relata um torneio para analisar as tensões provocadas pelas distintas identidades sociais e representações do que é ser jogadora de futebol entre as próprias praticantes. Conclui demonstrando como essas distinções vão se constituindo em ação coletiva de mulheres desviantes da norma de feminilidade por meio da prática do futebol.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *Futebol; Mulheres; Gênero; Identidade.*

### INTRODUÇÃO

Mulher jogando futebol não é novidade. No Brasil, ainda na primeira metade do século XX, já se observava um alargamento do espaço feminino para além do dever privado com conquistas no trabalho e no lazer (MOURÃO, 1996; SOARES; LEAL; LOVISOLO, 1996). Entretanto, o papel social designado para as mulheres, construído ao longo da história, que está relacionado ao comportamento de passividade, submissão e exigência de padrões de beleza e de graciosidade (MOURÃO, 1996), ainda apresenta efeito nas representações do que é ser feminina. Um exemplo está na exposição da mídia sobre as imagens das atletas que valoriza mais as “representações normatizadas” de feminilidade do que outras que ficam nas “zonas de sombras” (MUHLEN; GOELLNER, 2012).

O futebol, no cotidiano de lugares que ainda apresentam restrições simbólicas originadas nas tradições masculinas, é um marcador simbólico que pode tornar a praticante “desviante da norma”, “outsiders” (BECKER, 1973; ELIAS; SCOTSON, 2000), “estigmatizada” (GOFFMAN, 1988) e acusada de ser homossexual, sapatão<sup>2</sup> ou masculina. Entretanto, muitas mulheres são adeptas do esporte profissional e de lazer no Brasil atualmente e procuram uma forma de expressar a individualidade do que é ser mulher e jogadora de futebol.

<sup>1</sup> O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

<sup>2</sup> Termo ambíguo do cotidiano, marca as mulheres acusadas de desvio da feminilidade. Esta vinculado a sexualidade ou, simplesmente, aos modos de se vestir, se comportar, etc.

Esta movimentação do feminino no esporte é um exemplo característico do que Giddens (1991; 2002) demonstra ocorrer no cenário da modernidade tardia. Um período que representa os últimos 50 anos e traz descontinuidades profundas entre a ordem social tradicional e as instituições modernas. Como consequência, surgem novas identidades que provocam mudanças até da subjetividade. A garantia de estabilidade baseada numa moral tradicional dissolveu-se e as múltiplas possibilidades de escolha faz com que as identidades do sujeito se tornem flúidas e dependentes de uma reorganização constante. O “estilo de vida” construído por meio de um “projeto reflexivo do eu” (GIDDENS, 2002), passa a ser fundamental para uma narrativa coerente que dê sentido à existência e à apresentação de si (GOFFMAN, 1985). Nesse contexto, concorda-se que o corpo, nos termos de Damico e Meyer (2006), torna-se um “poderoso marcador social”.

Dessa forma, o objetivo foi compreender as interações sociais no lazer esportivo praticado exclusivamente por mulheres que constroem novas expressões de feminilidade na cultura. Analisando um torneio de futebol, aponta-se para as tensões provocadas pelas distinções, tanto sociais quanto de representações de si (GOFFMAN, 1985), existentes entre as praticantes de futebol no subúrbio do Rio de Janeiro.

## METODOLOGIA

Foi realizado estudo etnográfico no período de 2007/2009 acompanhando um grupo de jovens adultas que jogavam futebol no Centro Esportivo Miécimo da Silva (CEMS), no Rio de Janeiro. O CEMS é o maior sítio de lazer esportivo da cidade e dispunha de instalações esportivas de alta qualidade com atividades gratuitas. O local era frequentado por pessoas de baixa renda e pelas camadas médias da população, sendo disputado como melhor local de prática do esporte na região.

O torneio foi a porta de entrada para o encontro com as demais meninas<sup>3</sup> que jogavam bola na região. A intenção foi analisá-lo “de perto e de dentro” (MAGNANI, 2002), considerando as falas, expressões corporais e interações. O trabalho de campo teve como referência a “observação participante” (BECKER, 1997). Registro de fotos e filmagens, anotações em diário de campo e entrevistas foram utilizados para coleta de dados que posteriormente foram analisadas. Os times foram utilizados inicialmente como grupos de análise. Posteriormente percebe-se tratar mais de uma rede do que de grupos isolados. Após essa etapa, foi realizada entrevista aberta com as jogadoras do CEMS para verificar as

---

<sup>3</sup> *Meninas* é o modo mais usual que as praticantes identificam-se: “aquela menina que joga na outra rua”.

informações obtidas. As análises e discussão dos dados são registrados conjuntamente em forma de relato etnográfico, garantindo condição ao texto de descrever o que foi observado.

## OS TIMES, AS IDENTIDADES E OS MEDIADORES CULTURAIS

Existiam originalmente várias turmas de futebol de mulheres no CEMS, mas no momento do início da pesquisa apenas uma turma sobrevivia em funcionamento. Um conflito entre as praticantes e os gestores do local tentava equalizar acusações de supostas atitudes contra a ordem moral da instituição. Pra resolver, foram implementadas regras de conduta para as turmas. Esse conjunto de decisões levou à divisão das meninas. As antigas praticantes deixaram o CEMS, procurando outros sítios para jogar, pois não se enquadraram nas novas normas que exigiam o enquadramento normativo da feminilidade tradicional. As mais novas conformaram-se com as condições e permaneceram, tornando-se líderes e guardiãs da nova forma de conduta estabelecida. Estas últimas são as Meninas do CEMS, participantes da então única turma de futebol do local, com as quais foi dada entrada no campo de pesquisa e acompanhadas como referência de comparação com os outros grupos.

A arena do torneio era próxima ao CEMS, situado no centro de uma típica praça do subúrbio da cidade. A área de jogo era de aproximados 60 metros de comprimento e o campo de terra batida e com vários desníveis.

As primeiras que chegaram tinham proximidade com as Meninas do CEMS. Todas ali se cumprimentavam com afinidade, utilizando apertos de mão sincronizados ou tapas nos ombros que não chegavam a se concretizar em abraços. Algumas haviam chegado pouco tempo antes, direto de eventos da noite anterior. Outras passaram em casa, mas apresentavam a mesma história de que não haviam dormido naquela madrugada. Esse era o único assunto que circulava entre elas, que afirmavam estar em condições precárias para a prática esportiva pelo excesso de consumo de bebidas alcoólicas. Algumas, com garrafa de cerveja e copo nas mãos, outras fumando, indagavam que manter-se-iam naquele estado etílico, como única alternativa para conseguir jogar. Afirmavam que só estavam ali pelo compromisso firmado com as outras. Tudo isso em um clima descontraído de confraternização.

A chegada do outro time foi impactante para todas. Um carro do tipo utilitário estacionou desembarcando, nas cores preta e branca, uma equipe completa e uniformizada (Meninas de Preto a partir daqui). Elas seguiram ao campo onde iniciaram exercícios de aquecimento padronizados. Não houve cumprimentos entre elas e as demais.

Muitas foram aparecendo depois, aos poucos, a pé e de várias direções. Um uniforme

em verde e branco foi distribuído e elas também passaram a procurar espaço no campo para aquecer. Enquanto isso, conversas entre elas definiam como se dividiriam em dois times, mesmo usando o mesmo uniforme. Somaram-se a essas as meninas que já estavam presentes, que anteriormente dormiam pela grama, e que trataram de recolher as garrafas soltas no chão.

Tanto as Meninas de Preto quanto as Meninas do CEMS trouxeram acompanhantes para assistir o torneio. A relação entre torcida e time era de euforia e proximidade nas primeiras. Estes torcedores iriam fazer barulho e comemorar cada lance que suas jogadoras executariam. Do lado do CEMS, a identificação de alguns pais presentes só foi possível pela informação dada pelas meninas do time. Sobre um dos pais, em especial, a informação só chegara pelo fato de que ele deixara o local, antes de acabar o primeiro jogo da filha. Segundo as meninas, era um incentivador do esporte, mas a própria havia dito que ele estava lá para verificar o ambiente, sem explicar qual seria a preocupação do pai. Em relação às amigas das Meninas do CEMS, elas apenas assistiram aos jogos e compartilharam comentários fechados no grupo, muito mais sobre as atitudes morais e atributos físicos das jogadoras de todos os times, do que propriamente do desempenho esportivo. No grupo maior que compunha as meninas que usariam o uniforme verde, no entanto, nenhuma pessoa além das jogadoras foi vista no local acompanhando os times. Mesmo entre os dois grupos de verde, não houve manifestações de apoio e incentivo. Após o andamento das partidas, ficou nítida a divisão das meninas da noitada e do bar (Meninas da Noite, a partir daqui) e as que chegaram depois (Meninas do Dia), que não interagiam com as Meninas do CEMS.

As partidas foram disputadas com nove jogadoras em cada time, em 2 períodos de 30 minutos. A competição obteve o seguinte resultado: Em primeiro o time das Meninas do Dia, seguido das Meninas de Preto, Meninas da Noite e, por último, as Meninas do CEMS.

Ao final dos quatro jogos, tanto a história das partidas, dos desempenhos coletivos, quanto o resultado da competição evidenciavam as distinções sociais e os tipos de agrupamento relativos naquele torneio. As características e costumes particulares de cada time distinguiram os grupos existentes no mundo das praticantes de futebol do local. Em cada time, identificava-se uma coesão interna, ora de forma tensionada e rígida, ora bastante fluida.

Considerar a importância da relação entre desempenho nos jogos do lazer e relações sociais pode ser uma grande contribuição dos estudos da Educação Física para a ciência. Na clássica etnografia urbana em que Foot-White (2005) descreve a organização social dos jovens de um bairro americano pobre e degradado por exemplo, o autor aponta que era possível compreender as hierarquias entre os jovens a partir dos jogos de boliche mesmo não

tendo aprofundado essa análise.

As meninas do CEMS chegaram para o jogo, em sua maioria, de condução própria. Ao contrário dos outros três times, elas não usavam shorts largos, típicos de jogadores de futebol, que eram utilizados como uniforme pelas Meninas de Preto e como roupa casual da maioria das meninas dos dois times de verde.

Em relação à aparência física, apenas no grupo do CEMS existiam meninas que possuíam cabelos longos - com exceção de uma das Meninas da Noite, que era das mais bem relacionadas com as Meninas do CEMS. Seus corpos, em média, eram mais magros, com o tônus muscular mais suavizado que das demais equipes. Era evidente uma distinção entre elas no uso de marcas comerciais das roupas, na linguagem, nos acessórios que usavam, bem como com o cuidado com a pele. Também foi possível verificar essa diferença por meio dos relatos das Meninas do CEMS, que por diversas vezes, fora do torneio, fizeram comparações chamando as meninas dos outros grupos de “mais pobrezinhas”, “de outra classe”, “diferente de nós”, ou “as que têm menos condições”.

Existia espaço de trânsito e até de permanência de outros tipos de praticante de futebol junto ao tipo característico do grupo do CEMS. Entretanto, as marcas simbólicas, impostas pelas líderes, definiam que tipo de praticante teria mais força para gravitar nesse círculo. A aparência física feminina normativa e a percepção de pertença a uma classe social superior estabelecia fronteira em torno das Meninas do CEMS. Aquelas que não possuísem tais identificações teriam que dispor de boa dose de “perseverança” para “permanecer” (CHAN-VIANNA; MOURÃO, 2010) nesse grupo.

As Meninas do Dia só chegaram ao local do evento em cima da hora marcada dos jogos e surgiram de diferentes lugares, quase individualmente. Mantiveram pouca interação com as outras, e apenas com as Meninas da Noite conversavam e, às vezes, sorriam. Elas chegaram, jogaram, ganharam e foram embora. A comemoração do título das Meninas do Dia foi menos festiva que das Meninas de Preto, que receberam o troféu de vice-campeãs. As Meninas do Dia, ao contrário das Meninas da Noite, aparentavam estar focadas no resultado dos próprios jogos e disputavam as jogadas com maior virilidade que os demais times. Elas eram, quase todas, de pele negra, cabelos crespos e curtos; usavam chuteiras velhas e rasgadas; proporcionalmente ao corpo como um todo, elas tinham braços volumosos e, quando não eram um tanto obesas, aparentavam linha contínua, sem curvas, que unia busto, cintura e quadris. Duas meninas do CEMS, em observação a uma das Meninas do Dia, questionaram se iria “ser torneio masculino”, acusando jocosamente a adversária de ser “um

menininho”.

A menina da qual se falava aparecia com destaque entre as demais do time a que pertencia. Em relação às outras, tinha a pele mais clara, altura mediana, magra, com as pernas finas e longas. Sem marca de busto ou quadril, nela o uniforme se tornava largo e mais parecido com o caimento que costuma apresentar nos homens. O cabelo era curto a ponto de só preencher a cabeça. Sobrancelhas grossas e contraídas se sobressaíam no rosto liso e semblante severo. A mão direita, quando não estava auxiliando o equilíbrio do corpo para controlar a bola, invariavelmente se encontrava na frente da região pubiana, em movimentos repetidos de puxar uma provável roupa íntima por baixo do calção. Ela apresentava um comportamento silencioso e aversivo com as demais meninas e habilidade com a bola nos pés.

Meses depois, com as meninas do círculo mais fechado do CEMS, foi questionado sobre o incômodo que elas haviam visto na participação dessa menina. As respostas apontaram para um descontentamento com a “atitude agressiva, muito exagerada” e que isso não estaria ligado ao fato de “gostar de mulher”, mas porque tal comportamento “leva ao preconceito, daí mães não deixam as filhas continuarem a jogar, queimando o futebol”. As respostas apontam o que estava em jogo nas interações. O torneio se apresentava como espaço de aproximação entre vários círculos de afinidades bastante fechados. A divisão das equipes deixava nítido o local de cada uma das meninas em cada círculo. Não apenas discursos, mas também corpos e gestos eram expressões de identidades que estabeleciam fronteiras e hierarquias.

As Meninas de Preto pertenciam a outro local da cidade e em breve estariam indo de volta pra casa. Entretanto, as outras três equipes eram compostas exclusivamente por meninas de Campo Grande. Muitas já haviam passado pelo CEMS, tinham conhecimento que lá existia futebol e que a entrada era franqueada por regras de conduta. Essas meninas ainda conheciam o circuito de jogos e torneios e sempre se encontravam pelas ruas do bairro. Estavam, pois, sempre a expor e confrontar suas diferenças.

A distinção entre elas estava marcada pela percepção de distinção de status social. Mesmo em encontros como o torneio, as Meninas do CEMS não se misturavam por completo com as outras. Elas alegavam que aquelas meninas “queimavam” a imagem das praticantes de futebol. Durante todo o período de observação, era nítido que as tais pessoas com quem elas se preocupavam, eram, em grande medida, pais, familiares e o ambiente de trabalho. Era preciso que as Meninas do CEMS, mesmo que gostassem e assumissem serem jogadoras de

futebol, demonstrassem que não faziam parte do tipo estigmatizado que marcava a imagem das praticantes naquela cultura. Era preciso se apresentarem distintas das meninas que pareciam homens, pobres e feias.

Esta identidade era justificada pelas Meninas do CEMS como um posicionamento impessoal, sem nenhuma espécie de fobia moral. Elas defendiam o direito à diferença – afinal de contas, elas sentiam na própria pele o efeito das acusações de pertencer a universos desviantes – mas justificavam a própria indignação por lutarem pela melhoria da instituição “futebol feminino”. Essa bandeira, no entanto, trazia à tona as tensões vividas nas outras interações. As meninas do CEMS lutavam para se diferenciar daquelas que haviam se tornado o estereótipo da jogadora de futebol.

Para elas não importava a sexualidade das praticantes, fosse de qualquer grupo. Entre as Meninas do CEMS, dito por elas, não existiam discriminações internas sobre as diferentes opções sexuais existentes entre as amigas. O ser era uma questão de direito à individualidade - valor respeitado e defendido por todas. Já o parecer, se tornava uma questão de comprometimento grupal, pois implicava em consequências para além dos círculos do futebol e só poderiam ser defendidas com ações coletivas. Esse entendimento promovia um autocontrole interno no grupo e reforçava as fronteiras entre elas e as outras jogadoras.

Dentro do círculo mais restrito do futebol, as Meninas do CEMS se intitulavam as “Ousadas”, imputando às outras, como estigma, as “Brabas”. Os termos apareciam quando elas eram questionadas a explicar as diferenças, pois do contrário mantinham a doutrina de não marcar um estigma umas às outras. As Ousadas se intitulavam assim, principalmente, pelo estilo sedutor das roupas. Algumas meninas faziam questão, quando fora do ambiente do futebol, de usar minissaias, estar com os cabelos bem arrumados, com adereços nas mãos e pescoço e o corpo perfumado. Mesmo nos dias de jogo, em que era necessária a utilização da vestimenta própria para a prática do esporte, as Meninas do CEMS tinham como marca as calças ou shorts do tipo “legging”, típicos de mulheres praticantes de ginástica que demarcam curvas dos quadris, glúteos e pernas. O bermudão, em contrapartida, era identificado como marca das Brabas, apesar de algumas das próprias Meninas do CEMS por vezes usá-los. Contudo, o modelo das Meninas do CEMS se assemelhava mais à roupa de surfista do que de jogadores de futebol, contendo estampas em cores vivas, muitas vezes rosa ou vermelho e com detalhes de flores ou animações delicadas. Isso se confrontava com as bermudas escuras e lisas das Brabas. Nem todas as Ousadas detinham o status de classe social ou nível de escolaridade superior. As que não tinham esforçavam-se para equalizar atitudes nos moldes

de comportamentos desejáveis do grupo. As Ousadas acusavam as Brabas de atitudes agressivas, que caracterizavam o modo masculino de ser. Na hierarquização estabelecida pelas Ousadas, elas se autoproclamavam femininas, apesar de jogarem futebol ou de serem entendidas<sup>4</sup>.

Essas distinções não ocorreram em blocos completamente fechados. Não existiam, aparentemente, movimentos coordenados de repúdio ou aceitação de um grupo pelo outro. As fronteiras não eram fisicamente rígidas. Existia circulação dentro dos espaços de domínio das outras sem consequências agressivas. Nenhum território exclusivo podia ser identificado naquela praça, tampouco isso garantia interações cordiais. Estava presente a ação de ignorar, tornar a pessoa invisível.

Algumas meninas atuavam como “mediadores culturais” (VELHO, 2003) nos contatos entre os grupos. A aproximação entre indivíduos de grupos diferentes formavam pontes. Mesmo no grupo do CEMS existiam meninas com bom relacionamento e até afinidade com algumas das “Brabas”, mas apenas representantes das Meninas da Noite. Essas meninas do CEMS apresentavam as mesmas características de fumar, beber muito e ter a vida boêmia. Boa parte das que formaram as Meninas da Noite, aquelas que já estavam presentes no local e tinham passado a noite em claro, exerciam também uma posição mediadora naquela hierarquia, entre as Meninas do CEMS e as Meninas do Dia. Elas conseguiam estabelecer um trânsito mais flexível entre os dois grupos extremos. Eram as meninas que participaram da antiga turma no CEMS, que tornavam possível as mediações entre todos os grupos. Elas tornavam o espaço contestado numa rede de interações, complexa e dinâmica, que poderia ser exemplificado pelo fato de que entre essas mediadoras, muitas vezes estavam as mesmas que internamente no grupo do CEMS, de forma enfática, marcavam a distinção entre “Brabas” e “Ousadas”. Uma mesma menina que agia numa função flexível de mediadora poderia utilizar uma expressão extremista de distinção, dependendo apenas do “cenário” e da “plateia” (GOFFMAN, 1996) em que estivesse inserida. Essas variações estavam vinculadas a outras afinidades que possibilitavam pontes para além do futebol. O que estava aparente era que os círculos existiam e eram importantes para operar os agrupamentos, entretanto, existia grande permeabilidade entre eles. As mediadoras ocupavam-se de estabelecer o trânsito das informações pelas aberturas permeáveis.

## OS JOGOS E O QUE ESTAVA EM JOGO

---

<sup>4</sup> Termo que identifica aquelas que mantêm relações amorosas com mulheres.

A sequência das partidas revelava um complexo jogo de expressões corporais e disputas simbólicas para afirmação das distinções. Em uma avaliação técnica desportiva, as Meninas do Dia mereceram o título devido ao desempenho atlético apresentado nos jogos. Além de maior potência na execução dos fundamentos do jogo, em todas as disputas pela bola sempre havia vantagem para as Meninas do Dia. No jogo contra as Meninas do CEMS, apesar do número de jogadoras com habilidade técnica e coordenação dos movimentos ser semelhante, as Meninas do Dia foram vencedoras, pois também em relação ao aspecto coletivo para eficiência das jogadas elas eram superiores.

As observações nos demais jogos seguiam consolidando o perfil dos grupos. As Meninas da Noite apresentavam o mesmo perfil atlético das Meninas do Dia. Era notória a diferença desses dois times sobre os outros na capacidade de correr e controlar a bola. As meninas da Noite, como as Meninas do Dia, tinham maior elevação dos joelhos e faziam impulso sem os calcanhares no chão. Com isso, elas podiam fazer paradas bruscas e mudar de direção com maior velocidade. Esses movimentos mantinham suas pernas abertas e os joelhos flexionados, conferindo-lhes uma postura idêntica a utilizada pelos homens no esporte. Entre os dois grupos a diferença estava nos estilos de vida. Além dos hábitos ligados às festas da madrugada, as Meninas da Noite apresentavam maior disponibilidade para interagir com as demais, fosse com as Meninas do CEMS ou as Meninas do Dia. Em relação ao confronto com o CEMS, no terceiro jogo daquela manhã, as Meninas da Noite apresentaram maior desempenho atlético e experiência no futebol de campo, enquanto elas tinham por hábito as quadras de menor extensão e piso liso das aulas do CEMS.

Antes, no segundo jogo do torneio, em confronto com as Meninas de Preto, as Meninas da Noite entraram em campo e correram com desenvoltura. Ficava evidente a disponibilidade que se entregavam para os jogos, mas não para o resultado final especificamente. Em todos os momentos do jogo, as Meninas da Noite se empenharam e buscaram a meta adversária, mas a conclusão positiva ou negativa de uma jogada, não alterava o humor das jogadoras. Nem mesmo o resultado final transformou as faces delas. Elas jogaram, perderam e continuaram entretidas com a cerveja, o cigarro, os assuntos relativos à noite anterior, enquanto não eram chamadas para outra partida. As Meninas de Preto, mostravam envolvimento e mudanças de atitudes a cada situação do jogo. Depois de um primeiro gol sofrido, as Meninas de Preto começaram a correr mais, chamar mais atenção uma das outras, até chegarem ao gol de empate. No segundo tempo conseguiram mais um gol e a partir daí fizeram substituições e se mantiveram tensionadas até o apito final, que foi

entusiasticamente comemorado.

As organizadas Meninas de Preto possuíam um técnico, um homem de meia idade, pele branca e olhos claros. Usava roupa esportiva, limpa, bem passada e com as estampas da seleção brasileira de futebol. Ele acompanhava a equipe em todas as situações, orientava as jogadoras e comandava os tradicionais rituais das equipes esportivas profissionais, como rezar entre a preleção e o início de cada partida, formar as jogadoras para proferir gritos de guerra e cumprimentar as adversárias após o término da partida. A voz dele era baixa e as orientações corrigiam as jogadas durante a partida. Ele comandava as substituições e mudanças táticas e as atletas dirigiam o olhar para ele em busca das orientações. Nas Meninas do Dia também existia um homem no comando. Com aparência de mais de 60 anos, cabelos grisalhos e pele negra como a maioria das meninas do time e das Meninas de Preto. Alto, deixava sobressair uma barriga acentuada entre a curta camisa azul de botões e a bermuda social de brim encardida. Possuía aparência de embriaguez. Aparecia nas proximidades do campo, depois que o jogo das Meninas do Dia começava, e gritava, o tempo todo, mirando alguma jogadora que no seu entender havia feito algo de errado. Em cada penalidade contra a equipe dele, pronunciava-se de forma agressiva contra a arbitragem. Por vezes adentrava no campo com a partida em andamento. As meninas do time dele, não pareciam se importar com essas atitudes, tampouco lhe davam ouvidos ou se submetiam aos seus comandos. Nas Meninas da Noite e do CEMS, nenhuma pessoa, fora as jogadoras reservas, tentava orientar o time. No decorrer do primeiro jogo, porém, algumas meninas, no momento de uma das discussões do suposto técnico das Meninas do Dia com a arbitragem, falaram: “o que falta pra nós é isso! Um homem gritando pra impor moral. Vai lá, dirige a gente aí, grita com o juiz também. Se você aceitar, pode falar o que quiser e substituir como quiser. A gente aceita na boa”. Foi uma atitude de perplexidade observar a reação de um grupo de meninas que, até então, parecia ser emancipado dos patriarcalismos tradicionais e cheio de empoderamento ao gerar um evento delas e para elas mesmas. A participação dos poucos homens, mas em posições de comando nas equipes, apontaram para a ambiguidade e a complexidade dos fenômenos sociais em que o esporte está inserido e refletindo. Era um grupo de mulheres transgressoras, se considerássemos a participação em um esporte de predomínio masculino e com expressões de feminilidade desviantes expostas em praça pública, num bairro tradicional. Entretanto, elas guardavam vínculos com as tradições que as subordinava aos homens, ao interpretarem quem seria o comandante de valor.

O jogo decisivo do torneio apresentou um grande equilíbrio e o consequente empate

entre as Meninas do Dia e as Meninas de Preto, que se manteve até o final. A decisão por pênaltis foi o auge do evento, que no início desse jogo já atraía um grande número de curiosos. Algo próximo de oitenta pessoas no entorno do campo. Algumas mulheres trouxeram cadeiras e se sentaram atrás das grades de contenção, conversando entre si, com um olho no jogo e outro nas crianças que brincavam sentadas no chão. Muitos garotos adolescentes, outros mais adultos, assistiam perto do campo encostados em bicicletas ou em pé. A contemplação era serena, não se ouvia reação do público nem nos momentos das jogadas mais plásticas. O bar do outro lado da rua estava enchendo e ficando barulhento, enquanto outras pessoas ainda assistiam da porta de casa. No momento da decisão dos pênaltis, os espectadores próximos entraram em campo, formaram um semicírculo na intermediária, ficando de frente e perto da meta onde seria decidida aquela partida. Não houve reações inflamadas do público e tudo levava a crer que aquele campeonato, a despeito de ser um futebol de mulheres em uma comunidade com origens e hábitos tradicionais, era um evento cotidiano para eles, mas que causava algum desconforto, pois não existiam reações descontraídas como é comum ao se assistir jogos de homens.

Os times eram distintos no interesse pela competição. As Meninas do CEMS importavam-se mais com o convívio entre elas mesmas do que com o torneio. Elas trataram o evento como oportunidade de estarem juntas fora do horário de aulas e de identificarem e reforçarem diferenças para com as outras. Ao mesmo tempo, informavam-se sobre os acontecimentos com as Meninas da Noite. Elas não se preocuparam com o resultado dos jogos, apenas apontavam que deveriam estar mais vezes juntas para treinar. O grande assunto para elas foi o comportamento das outras. Já as Meninas da Noite, se não estavam mobilizadas para uma disputa de troféu, demonstraram que a diversão com o jogo era fator preponderante. Elas não modificaram o semblante com resultados adversos ou com a vitória, mas a todo o momento em que estavam jogando viviam as situações do jogo, demonstrando dedicação com cada lance, mesmo sem cobrar atitude mais competitiva das companheiras. Com as Meninas do Dia não foi possível diálogo ou proximidade. Elas não deram oportunidade para isso. De fato, ninguém, de fora ou de dentro do mundo do futebol feminino, tem acesso a informação ou é bem recebido, até que demonstre ser capaz de respeitar ou se manter calado sobre as atitudes das praticantes. Essa regra parecia ser mais drástica, quanto mais o grupo fosse estigmatizado. As Meninas do Dia apresentaram comprometimento com a competição. Algo mais que o troféu parecia estar em jogo para. Estava em disputa quem sairia de lá com o status de melhores jogadoras. A comemoração do

título foi raivosa, com tom de afirmação, de superioridade conquistada com suor. Para as Meninas do Dia o torneio representava serem melhores naquilo em que consideravam mais significativo - o desempenho esportivo. Na equipe Preta, com indumentárias e gestos técnicos padronizados, com o envolvimento das famílias, a orientação de um professor e a apreensão emocional nas adversidades, ficava nítida a preocupação da formação profissional para o futebol, ou pelo menos por meio dele. A longa explanação do treinador depois das partidas e a atenção exposta no rosto das aprendizes, não deixavam dúvida que o jogo para o Meninas de Preto era um aprendizado, uma preparação para o futuro.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O torneio analisado apontou algumas características do mundo do futebol feminino naquele local. Os times se dividiam por afiliações e as marcas simbólicas de cada grupo expressavam distinções significativas. As percepções sobre classe social raça e aparência se combinavam para classificar cada uma e o próprio grupo naquele cenário. A hierarquização socioeconômica pretendida pelas meninas do CEMS, ao imputar às outras o estigma de “Brabas”, obtinha resultados sociais importantes na rede, mas não monopolizava o poder com elas, pois outras hierarquias se estabeleciam. Se para as Meninas do CEMS a boa aparência, os modos sofisticados e a tradição do feminino constituíam valor nas relações, para as outras, o desempenho esportivo ou o sucesso na noite era o que definia maior poder nas relações sociais.

Todos esses valores eram importantes, em escalas diferentes, para todas as meninas dali e mobilizavam cada sujeito de forma particular. A individualidade combinada com o comprometimento ao círculo de pertencimento definia, significativamente, as ações de cada uma. O conjunto dessas interações, com seus conflitos e aproximações, definiam as ações coletivas.

As representações das Meninas do CEMS sobre o mundo do futebol eram ambíguas, pois os mesmos argumentos que as tornavam críticas das acusações externas sobre as mulheres praticantes eram utilizados para diferenciá-las internamente. Elas queriam manter-se parte daquele mundo, mas não queriam parecer parte dele para os outros significativos nas relações sociais fora do futebol, notadamente a família. Ao mesmo tempo, as Meninas do CEMS, ao tangenciarem as fronteiras dos outros grupos e permitirem que as mediadoras permeassem informações, conseguiam se aproximar da vida estimulante de desvio oferecida pelas Meninas da Noite.

Os times vivenciaram o torneio de formas diferentes. As meninas do CEMS estavam motivadas pela sociabilidade interna do grupo e, de uma forma ambígua, operando distanciamentos e aproximações dos mundos paralelos ao futebol feminino. As Meninas da Noite tinham interesse no jogo pelo jogo e o encontro servia como oportunidade de dividirem conquistas da noite. As Meninas do Dia tinham no torneio uma chance de afirmação, por meio de confirmarem possuir o melhor desempenho esportivo. As Meninas de Preto viviam uma etapa importante do que para elas fazia sentido investir no futebol - a profissionalização. As performances no jogo, individuais e coletivas, expressavam a tentativa de construir uma nova narrativa de si mesmas, como mulheres e jogadoras de futebol, a partir das histórias dos próprios corpos, das próprias vidas.

O torneio oferecia um componente a mais de estímulo. O público presente funcionava como testemunha e juiz das disputas simbólicas entre os grupos. As pessoas que assistiam, assim como os homens que dirigiam as equipes e as crianças que brincavam ao lado das mães eram representantes do mundo normativo. Para os transeuntes e moradores do bairro, apenas mais um feriado com espetáculo esportivo. Para as meninas que jogavam bola como uma ação coletiva coesa, aquele torneio, numa arena pública da vizinhança, significava inserir no cotidiano das pessoas a própria pauta de temas relevantes, as expressões, as identidades e a vontade de fazer parte desse mundo normativo, sem abrir mão das individualidades.

## FOOTBALL, WOMEN AND SOCIAL INTERACTIONS

### ABSTRACT

*This present essay describes social interactions which establish new expressions of femininities in culture. It takes as references the interactionism (Becker and Goffman) and the reflexivity of the late modernity identities (Giddens). It comes from an ethnographic study about the universe of the female football players, in their free time, in Rio de Janeiro's suburb, and reports a championship in which we analyze the tensions caused by social differences among the players. It concludes presenting how these distinctions are built in a collective action through football practice.*

**KEYWORDS:** Football; Women; Gender; Identity

## FUTBOL, MUJERES E INTERACCIONES SOCIALES

### RESUMÉN

*El presente estudio describe interacciones sociales que van estableciendo nuevas expresiones de feminilidades en la cultura. Toma como referencias el interaccionismo (Becker y*

*Goffman) y la "reflexividad" de las identidades en la "modernidad tardía" (Giddens).Parte de dentro de un estudio etnográfico sobre el universo de las practicantes de futbol, en ocio, del suburbio del Rio de Janeiro, y relata un campeonato en que se analiza las tensiones provocadas por las diferencias sociales entre las practicantes. Concluye presentando como esas distinciones van se constituyendo en acción colectiva por medio de la práctica del futbol.*

PALABRAS CLAVES: Futbol; Mujeres; Género; Identidad

## REFERÊNCIAS

- BECKER, H. Métodos de pesquisa em ciências sociais. São Paulo: Hucitec, 1997.
- \_\_\_\_\_. Outsiders: studies in the sociology of deviance, NY: Free Press, 1973.
- CHAN-VIANNA, A. J; MOURÃO, L. Ritual e permanência de meninas que jogam bola em instituição pública de lazer. In. ALMEIDA, D. F. (Org.) Política, lazer e formação. Brasília: Thesaurus, 2010.
- ELIAS, N; SCOTSON, J. L. Os estabelecidos e os outsiders. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- GIDDENS, A. As conseqüências da modernidade. São Paulo: UNESP, 1991.
- \_\_\_\_\_. Modernidade e identidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2002
- GOFFMAN, I. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC, 1988.
- \_\_\_\_\_. A representação do eu na vida cotidiana. Petrópolis: Vozes, 1985.
- MAGNANI, J. G. De perto e de dentro: notas para uma antropologia urbana. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 17, n. 49, 2002. p.11-29.
- MOURÃO, L. A imagem da mulher esportista nos Jogos da Primavera dos anos 50. In VOTRE, S. (Org.). A representação social da mulher na educação física e no esporte. Rio de Janeiro: EdUGF, 1996.
- PNAD/IBGE (2001), [[http://portalgeo.rio.rj.gov.br/bairros Cariocas/index\\_ra.htm](http://portalgeo.rio.rj.gov.br/bairros Cariocas/index_ra.htm)], disponível em <http://www.armazemdedados.rio.rj.gov.br/> [consultado em agosto de 2005].
- SOARES, A. J. G; LEAL, T. P; LOVISOLO, H. A formação dos corpos femininos no início do séc. XX. In Votre, S. (Org.). A representação social da mulher na educação física e no esporte. Rio de Janeiro: EdUGF, 1996.
- SOARES DAMICO, J. G; MEYER, D. E. O corpo como marcador social: saúde, beleza e valorização de cuidados corporais de jovens mulheres. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v. 27, n. 3, 2008. p. 103-118.
- VELHO, G. Projeto e metamorfose: Antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

VON MÜHLEN, J. C; GOELLNER, S. V. Jogos de gênero em Pequim 2008: representações de feminilidades e masculinidades (re)produzidas pelo site terra. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Porto Alegre, v. 34, n. 1, 2011. p. 165-184.

WHITE, W. F. Sociedade de esquina: A estrutura social de uma área urbana pobre e degradada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.